

Senhoras e Senhores, boa noite.

Sob o calor característico da Bahia, tanto nos graus como nos corações, recebemos a todos na abertura deste trigésimo Encontro Nacional dos Auditores-Fiscais do Trabalho com emoção e muitas expectativas quanto à próxima semana que passaremos juntos. Serão dias de intensa atividade, muitos encontros e reencontros, dando sentido ao nosso evento, que desde a sua criação, em 1982, denominou-se Encontro.

Salvador foi a sede do sexto Encontro Nacional, em 1987. Como presidente do Sindicato dos Auditores-Fiscais do Trabalho da Bahia e presidente deste Enafit, tenho a honra de receber novamente os colegas, em novo contexto, agora como Auditores-Fiscais do Trabalho, com uma carreira consolidada, melhor estruturada, respeitada pelos atores do mundo do trabalho e por organismos internacionais, graças a um trabalho de excelência desenvolvido em defesa dos direitos dos trabalhadores, que se traduzem, em suma, em direito a trabalho digno, à preservação da vida e da saúde.

Ao escolher o tema do Encontro – “Por que a proteção do trabalhador está em risco?” – a Comissão Organizadora procurou expressar o momento atual da Inspeção do Trabalho, um sentimento comum a Auditores-Fiscais do Trabalho de Norte a Sul do país.

Ao mesmo tempo em que a carreira se fortaleceu institucionalmente, conquistou prerrogativas e atribuições, vemos o número de Auditores-Fiscais do Trabalho se reduzir dia a dia, chegando hoje ao patamar de menos de 2.900 profissionais. Cada vez menos especialistas atuam no campo da saúde e da segurança, provocando um efeito avassalador sobre o mundo do trabalho, com o crescimento do número de acidentes de trabalho, de adoecimentos e de mortes. É frustrante, desconsolador mesmo, receber os dados da Previdência Social que registraram mais de 711 mil acidentes de trabalho em 2011. Nosso sentimento é de que precisamos fazer muito mais do que já fazemos, mas como, se não temos as condições necessárias para isso?

A mudança do perfil da Fiscalização do Trabalho não justifica a ausência de especialistas, que hoje, em razão da evolução das tecnologias e do próprio mundo do trabalho, não podem se restringir à área da Segurança do Trabalho e da Medicina do Trabalho. Também em Tecnologia da Informação, em Contabilidade e em Gestão, por exemplo, a Auditoria-Fiscal do Trabalho se ressentiu da falta de profissionais especializados. A carreira sim, é única, mas pode e deve abrigar muitos e variados saberes. Assim será mais rica, proativa, versátil e interativa, com a sociedade, com o governo, com os trabalhadores e empregadores.

A nossa preocupação, portanto, é dotar a Inspeção do Trabalho de condições técnicas e de pessoal suficiente para mudar o panorama dos acidentes de trabalho no Brasil que, dolorosamente, ocupa a quarta posição no ranking mundial. Alcançar este

objetivo não tem sido tarefa fácil, tantos são os obstáculos que encontramos pelo caminho.

O próprio governo parece não entender a gravidade da situação, que atenta contra o próprio Estado, ao gerar tantos benefícios em consequência de acidentes, doenças e mortes decorrentes da negligência com a segurança e saúde no trabalho. Em outro campo, não fornece os instrumentos necessários para que os procedimentos da fiscalização sejam uniformizados, otimizados, integrados com outros órgãos. Tudo anda a passos muito lentos, muito aquém da velocidade do mercado de trabalho. Temos pressa, o trabalhador tem pressa, a vida tem pressa.

O descuido com a Inspeção do Trabalho ao deixar que o número de Auditores-Fiscais do Trabalho chegue a um nível tão crítico é por demais preocupante. O que está por trás disso, devemos nos perguntar, investigar, entender e agir. Pois a exploração continua. Milhares de pessoas ainda estão escravizadas, milhões de crianças e adolescentes ainda trabalham, a Justiça do Trabalho está abarrotada de reclamações por direitos básicos.

As formas de exploração mudam, de tempos em tempos, porém, nem tanto.

Vejam o que dizia Jorge Amado, em seu romance “Cacau”, publicado em 1934:

*“Os meninos não pensavam. Trabalhavam, comiam e dormiam. Um literato disse certa vez:*

*— Esses é que são felizes. Não pensam...*

*Assim parecia a ele.”*

E em outro trecho:

*“Nós ganhávamos três mil e quinhentos por dia e parecíamos satisfeitos. Ríamos e pilheriávamos. No entanto nenhum de nós conseguia economizar um tostão que fosse. A despesa levava todo nosso saldo. A maioria dos trabalhadores devia ao coronel e estava amarrada à fazenda. Também quem entendia as contas de João Vermelho, o despenseiro? Éramos todos analfabetos. Devíamos... Honório devia mais de novecentos mil-réis e agora nem podia se tratar. Um impaludismo crônico quase o impedia de andar. Assim mesmo partia às seis horas da manhã para podar as roças, depois de comer um prato de feijão com carne seca.”*

Não soa muito familiar? Os Auditores-Fiscais do Trabalho continuam encontrando trabalhadores endividados com os patrões, doentes ou acidentados sem assistência, e crianças que trabalham por uns trocados ou por comida.

Esperamos que ao longo desta semana, com a diversidade dos assuntos tratados, avancemos para além dos problemas que, de forma geral, todos sabemos quais são. Que as bênçãos de Nosso Senhor do Bonfim caiam sobre nós para iluminar mentes e corações em busca de soluções.

Senhoras e Senhores, não é fácil construir um evento desta magnitude, mas aqui estamos. Precisamos contar com muita gente que doa seu tempo e sua dedicação, seu trabalho e energia para que tudo isso aconteça. Assim, não posso deixar de demonstrar minha mais sincera gratidão a toda a diretoria e empregados do Safiteba e do Sinait, aos colegas da Comissão Organizadora e às empresas que são nossas parceiras.

Muito obrigado. Um bom Encontro a todos!